

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.024

O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA E AS REDES SOCIAIS: A PÁGINA KMAIKYA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

Valderlâne Carina Vieira dos Santos¹

Aline Cândida de Araújo²

Maria Luísa Bezerra de Araújo Albuquerque³

RESUMO

O presente trabalho resulta das experiências adquiridas através do desenvolvimento do projeto “Kmaikya: Histórias Indígenas” e tem como objetivo apresentar o perfil Kmaikya: Histórias Indígenas, disponível nas redes sociais Instagram e YouTube, como um recurso didático-pedagógico para o ensino de História Indígena. A página é um canal de comunicação voltado para a valorização das histórias dos povos indígenas e de seus protagonismos, gerenciada por pesquisadores da Universidade de Pernambuco (UPE) e professores da educação básica. Utilizando o alcance das plataformas digitais, o canal promove debates sobre produções artísticas indígenas, tanto de artistas individuais quanto de coletivos. Além disso, disponibiliza um acervo composto por referências bibliográficas, playlists, entrevistas, animações e outros materiais que podem subsidiar práticas pedagógicas comprometidas com narrativas plurais, rompendo com estereótipos e práticas educativas basea-

1 Mestra em Ensino de História pela Universidade de Pernambuco - UPE, valderlane.carina@upe.br;

2 Doutoranda em Ensino de História pela Universidade de Pernambuco - UPE, aline.candida@upe.br;

3 Graduada do Curso de História da Universidade de Pernambuco - UPE, luisa.araujo@upe.br.

das em olhares colonialistas. A partir dessa proposta, buscamos demonstrar como a página pode ser utilizada como ferramenta pedagógica no ensino de História. Para isso, fundamentamos nossas reflexões nos trabalhos de Silva (2023), Baniwa (2006), Almeida (2010) e Silva, Araújo e Santos (2024). Dessa maneira, acreditamos que esse perfil configura um potencial ferramenta pedagógica, contribuindo assim para o debate acerca do uso das novas tecnologias para uma educação antirracista, decolonial e comprometida com a valorização dos saberes e das histórias dos povos indígenas.

Palavras-chave: Ensino de História, redes sociais, indígenas, educação, decolonial.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as redes sociais têm se consolidado como espaços essenciais para a comunicação e a disseminação de conhecimentos científicos e gerais. Entre as diversas plataformas existentes, o Instagram destaca-se por combinar recursos visuais atrativos com legendas informativas e interativas, facilitando a compreensão de conceitos científicos. De acordo com Castells (2013, p. 43), “a internet e as redes sociais têm o potencial de democratizar o acesso ao conhecimento e promover a participação cívica e política”. Nesse sentido, o Instagram tem se mostrado uma ferramenta eficaz na aproximação entre cientistas, pesquisadores, estudantes e o público em geral, contribuindo para tornar a ciência mais acessível e envolvente. Esse potencial de engajamento decorre de sua natureza visual e dinâmica, que favorece a comunicação de informações de modo atrativo e compreensível.

Nessa perspectiva, a visualização de dados científicos e gerais no Instagram ocorre principalmente por meio de imagens e vídeos, que possibilitam a apresentação das informações de maneira atrativa e acessível, facilitando a compreensão e o engajamento do público. Segundo Lindgren (2017), o uso de recursos visuais na plataforma constitui uma estratégia eficaz para comunicar descobertas científicas de forma compreensível e envolvente. O Instagram permite que diferentes perfis, como cientistas, educadores, pesquisadores, estudantes e o público em geral, compartilhem seus conteúdos de maneira visual, despertando o interesse dos usuários e favorecendo uma compreensão mais aprofundada das informações apresentadas. Além disso, a interação direta com os seguidores possibilita a retirada de dúvidas e a promoção de um diálogo contínuo, fortalecendo o vínculo entre produtores e receptores de conhecimento.

Complementarmente, as legendas no Instagram exercem um papel essencial ao fornecer contexto e explicações sobre o conteúdo publicado, seja ele científico ou não. Recuero (2009) destaca que as legendas educativas complementam as postagens visuais, oferecendo informações

adicionais que enriquecem a compreensão dos seguidores acerca dos temas abordados. Assim, a combinação de elementos visuais e textuais torna o Instagram uma ferramenta poderosa para a educação científica e para a divulgação de pesquisas, facilitando a disseminação de conhecimento de maneira acessível e engajante. No campo educacional, o Instagram tem sido utilizado de forma inovadora e interativa como ferramenta complementar ao currículo tradicional. Por meio de hashtags específicas, perfis educacionais e postagens interativas, os educadores podem oferecer aos alunos uma plataforma para explorar e discutir conceitos acadêmicos de maneira visual e dinâmica. Karhawi (2017) argumenta que essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, tornando-o mais acessível e envolvente, mas também estimula uma aprendizagem autodirigida e colaborativa.

Paralelamente, o Instagram também se destaca como canal para a disseminação de conhecimentos culturais e históricos. Manovich (2017) explora como a plataforma, por meio do compartilhamento de imagens e vídeos, se tornou um meio fundamental para a divulgação e consumo de narrativas culturais e históricas. O autor argumenta que o Instagram não apenas democratiza o acesso a essas narrativas, mas também transforma a maneira como as pessoas interagem com a história e a cultura, promovendo uma nova forma de experiência cultural baseada na visualidade e na participação ativa dos usuários. Nesse mesmo sentido, a plataforma desempenha um papel significativo na promoção da cultura e na preservação do patrimônio histórico, pois facilita a criação de comunidades virtuais que compartilham interesses culturais comuns, promovendo a conscientização sobre a diversidade cultural e étnica. Iniciativas como contas dedicadas à história e tradições culturais transformam o Instagram em um espaço vital para a preservação e divulgação de narrativas que, muitas vezes, não são amplamente acessíveis por outros meios. Assim, a rede social contribui para a formação de um senso de pertencimento e identidade entre seus membros.

Entretanto, ainda persistem inúmeros desafios relacionados à criação e à circulação de conteúdos no Instagram. Ao abordarmos temas sensíveis, como a demarcação de terras, o etnocídio, o genocídio e outras formas de aniquilação, especialmente das populações indígenas, torna-se evidente como a plataforma emprega mecanismos que dificultam a visibilidade dessas produções. Publicações são frequentemente removidas, banidas ou têm seu alcance reduzido, o que limita tanto o acesso do público seguidor quanto a chegada de novos usuários ao perfil.

Quando o propósito é divulgar conteúdos educativos, culturais e decoloniais, muitos perfis, como o Kmaikya, enfrentam restrições impostas pelas diretrizes e políticas da plataforma. O algoritmo tende a privilegiar postagens pagas ou com elevado índice de engajamento, o que desfavorece iniciativas de caráter formativo e crítico. Um exemplo ocorreu quando foi publicado um conteúdo que narrava a trajetória de uma intelectual indígena marcada por experiências de violência e exploração.

O Instagram removeu a postagem, devido aos seus filtros automáticos que restringe conteúdos considerados “sensíveis” ou “polêmicos”, mesmo sendo material educativo posts como esse podem ser erroneamente sinalizados como conteúdo sensível. Dessa forma, evidenciando as tensões entre os objetivos educativos desses espaços e a lógica algorítmica que rege essa rede social. Embora o Kmaikya configure uma poderosa ferramenta pedagógica decolonial, é imperativo reconhecer que a circulação de seus conteúdos está sujeita a mecanismos de controle das plataformas. Conforme argumentado por Barbosa e Silva (2021), a mobilização social indígena nas redes, apesar de sua nova instrumentalidade, é confrontada com filtros algorítmicos que diminuem a visibilidade de conteúdos políticos e a pauta indigenista, limitando o alcance das narrativas de resistência.

No âmbito da educação colonial, “é necessário [...] pensar novas propostas que deem conta dos anseios indígenas e que nos realimentem na luta por uma educação menos discriminatória, colonizadora e mais articulada interculturalmente com os diferentes mundos em que vivem os povos indígenas contemporâneos.” (BANIWA, 2006, p. 169). Nesse con-

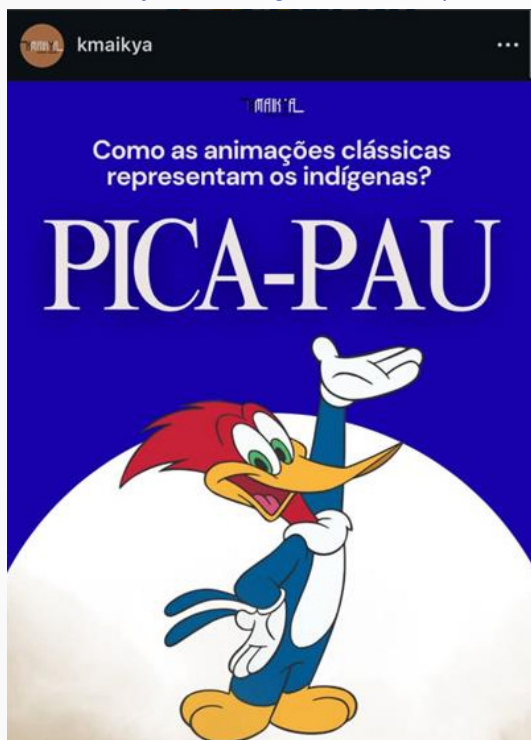
texto, torna-se pertinente refletir sobre o duplo papel que o Instagram pode desempenhar: ao mesmo tempo em que impõe limites à circulação de conteúdos críticos, também pode se constituir como um espaço de potencial educativo e de resistência, sobretudo quando articulado a práticas pedagógicas críticas e reflexivas. Com base nessas considerações, o objetivo deste trabalho é demonstrar o potencial do Instagram Kmaikya: Histórias Indígenas como ferramenta didática capaz de contribuir para práticas pedagógicas mais críticas, significativas e emancipadoras no ensino de História e em outras áreas do conhecimento.

A proposta dialoga diretamente com a Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras nos currículos escolares, buscando ampliar as possibilidades de abordagem desses temas por meio de recursos digitais e audiovisuais. No entanto, as práticas educacionais ainda falham em cumprir plenamente essa legislação, uma vez que, em muitos contextos, as abordagens permanecem superficiais e restritas a datas comemorativas, como o antigo “Dia do Índio”. Essa limitação contribui para a manutenção de estereótipos e para a perpetuação da imagem do indígena como uma figura do passado ou meramente vinculada ao folclore.

Além disso, observa-se que a maioria dos materiais didáticos e práticas pedagógicas continuam a reproduzir referências produzidas sob perspectivas não indígenas, reforçando um olhar colonialista e eurocêntrico sobre a História e a cultura dos povos originários. Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de iniciativas como o Kmaikya: Histórias Indígenas, que propõem novas formas de representar, narrar e compreender as trajetórias indígenas a partir de uma perspectiva decolonial. O uso de plataformas digitais como o Instagram, nesse contexto, oferece um espaço fértil para a construção de práticas pedagógicas mais críticas e comprometidas com a valorização da diversidade étnica e cultural brasileira. De acordo com o autor indígena Gersen Baniwa, “os povos indígenas do Brasil vivem atualmente um momento especial de sua história [...] Culturas e tradições estão sendo resgatadas, revalorizadas e revividas [...] Isto é iden-

tidade indígena e orgulho de ser índio. É ser o que se é.” (BANIWA, 2006, p. 39-40). Seguindo essa tendência, o Kmaikya é um espaço que tem como premissa fortalecer o movimento de autoafirmação e valorização da identidade étnica nas redes sociais, a partir de posts que combatem representações estereotipadas (Imagem 1) ao passo que fomentam o protagonismo indígena na mídia digital.

Figura 1 – Post do Kmaikya no Instagram sobre representação indígena



Fonte: KMAIKYA. Histórias Indígenas [perfil no Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/kmaikya>. Acesso em: 10 nov. 2025.

O perfil Kmaikya, é resultado de um projeto de extensão coordenado por uma docente da Universidade de Pernambuco (UPE), criado em 2020, durante o contexto pandêmico. A iniciativa tem como objetivo divulgar conteúdos educativos que valorizem os protagonismos indígenas, promovendo o diálogo entre saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais. A curadoria do conteúdo é desenvolvida por estudantes e egressos da graduação e da pós-graduação vinculados à mesma instituição, contando

também com a participação esporádica de artistas e educadores indígenas, o que enriquece o projeto com diferentes perspectivas e experiências.

Com o desdobramento das atividades no Instagram, a atuação do projeto foi ampliada para o YouTube ainda em 2024, com a criação do canal “Kmaikya: Histórias Indígenas”. Nesse novo espaço, o projeto disponibiliza audiovisuais como a série de animação “Protagonistas do Sertão Colonial”, que aborda a participação dos povos indígenas na “Guerra dos Bárbaros” no final do século XVII, além de entrevistas com artistas e lideranças indígenas de destaque, como Fykya Pankararu e Dona Zenilda Xucurú do Ororubá, com o intuito de evidenciar o protagonismo indígena a partir de suas diversas expressões artísticas e históricas (SILVA; ARAÚJO, 2025, p. 2). Por meio de vídeos, postagens informativas e materiais visuais, o Kmaikya busca aproximar o público escolar, professores, estudantes e a comunidade em geral de perspectivas indígenas contemporâneas, contribuindo para a desconstrução de visões estereotipadas e eurocêntricas que ainda persistem no ensino e na sociedade.

Apesar dos avanços legais e pedagógicos, ainda persistem inúmeros estereótipos e preconceitos relacionados aos povos indígenas em diferentes esferas da sociedade brasileira, incluindo o espaço escolar. A historiografia tradicional por muito tempo reproduziu imagens distorcidas e discriminatórias, apresentando os indígenas como sujeitos do passado ou como meros coadjuvantes do processo histórico.

A necessidade de um recurso didático como o Kmaikya é historicamente justificada pela forma como a narrativa nacional foi construída. A historiadora Almeida (2010) demonstra que a inclusão do indígena na História do Brasil foi, em grande parte, determinada pelas necessidades do projeto de Estado, que exigiu a criação de um símbolo nacional (o índio romântico) enquanto ignorava ou criminalizava os indígenas reais, ainda presentes no território. O trabalho dela ajuda a entender o porquê do estereótipo persistir e a urgência de uma perspectiva decolonial no ensino.

Nesse contexto, o uso do Kmaikya como ferramenta didática propõe uma alternativa crítica, inclusiva e decolonial, voltada à valorização das identidades indígenas e de suas múltiplas formas de existência na contemporaneidade. A iniciativa busca não apenas ampliar o acesso a conteúdos educativos, mas também promover reflexões sobre as representações dos povos indígenas no ensino e na mídia digital, contribuindo para a construção de uma educação mais plural e intercultural. Na Figura 2, podemos ver um post que traz uma dica de leitura baseada na obra *Mandí reko - o conto de Mandí*, de Luã Ayká.

A literatura indígena emerge como uma ferramenta decolonial e essencial para o ensino de História, pois oferece narrativas de autoria e perspectiva própria, atuando como um poderoso contraponto à imagem folclorizada e estática construída pelo Romantismo e perpetuada pela mídia tradicional. Ao dar visibilidade a autores como Luã Ayká, o projeto Kmaikya promove o protagonismo indígena, garantindo que as histórias, os saberes e as lutas contemporâneas dos povos originários sejam transmitidos diretamente, contribuindo para o cumprimento da Lei 11.645/2008 de forma autêntica e antirracista.

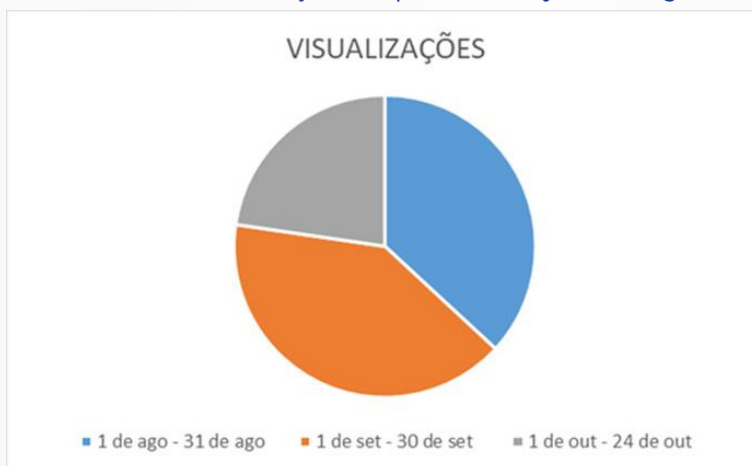
Figura 2 - Post do Kmaikya no Instagram com dica de leitura de autoria indígena



Fonte: KMAIKYA. Histórias Indígenas [perfil no Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/kmaikya/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

O Gráfico 1 a seguir apresenta o número de visualizações registradas na página Kmaikya: Histórias Indígenas, no Instagram, no período de 1º de agosto a 24 de outubro, totalizando 11,6 mil visualizações. Esse dado evidencia o alcance e o engajamento do público com os conteúdos produzidos, reforçando a relevância da rede social como espaço de ensino, divulgação científica e fortalecimento das narrativas indígenas no ambiente digital.

Gráfico 1 - Número de visualizações do perfil Kmaikya entre agosto e outubro



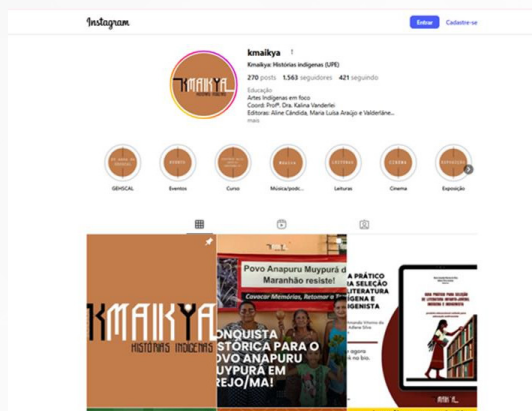
Fonte: Instagram. Insights do perfil Kmaikya, 2025. Dados obtidos a partir do painel de métricas do Instagram. Acesso em: 24 out. 2025.

A Figura 3, apresentada a seguir, exibe o perfil oficial do Instagram Kmaikya: Histórias Indígenas, que atualmente reúne 272 publicações e 1.574 seguidores. O conteúdo divulgado na página contempla uma ampla variedade de materiais, incluindo produções audiovisuais e informativas sobre diferentes povos indígenas, bem como postagens dedicadas à arte, literatura, música e educação indígena.

Cada publicação é cuidadosamente elaborada com o propósito de estimular reflexões críticas sobre a presença, e os protagonismos indígenas na sociedade contemporânea, buscando romper com visões hegemônicas e eurocêntricas ainda predominantes no campo educacional e nas

mídias digitais. Dessa forma, o perfil contribui para a promoção de uma educação decolonial, pautada na valorização das epistemologias indígenas, e para o fortalecimento das representações e narrativas desses povos no espaço digital.

Figura 3 – Página do Kmaikya no Instagram



Fonte: KMAIKYA. Histórias Indígenas [perfil no Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/kmaikya/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Para o professor ou professora que deseja utilizar a página Kmaikya como ferramenta didática, ela oferece amplas possibilidades de trabalho com a temática indígena. A página reúne uma variedade de publicações que abordam diferentes aspectos das culturas e histórias indígenas. Entre os conteúdos disponíveis, destacam-se postagens sobre representações indígenas em desenhos animados clássicos, que possibilitam discutir estereótipos e formas de representação midiática; indicações de leituras e filmes com temáticas indígenas; divulgação de trabalhos de artistas indígenas contemporâneos, nas áreas da música, literatura, artes visuais e audiovisual; além da criação de playlists compostas por artistas indígenas contemporâneos, que ampliam o repertório cultural e artístico.

Além disso, o perfil também promove a divulgação de um acervo bibliográfico com artigos acadêmicos, e-books, entrevistas, e outras produções científicas voltadas à temática indígena, o que enriquece o trabalho docente ao oferecer fontes de pesquisa atualizadas e contextualizadas.

O acervo de entrevistas, playlists e referências bibliográficas disponibiliza materiais que são produzidos por e sobre indígenas, garantindo que a voz autêntica e o saber decolonial cheguem à sala de aula. Dessa forma, o Kmaikya oferece aos professores um recurso gratuito, acessível e de alta qualidade acadêmica, que pode subsidiar a prática pedagógica para além do estereótipo. Constitui-se assim, como uma ferramenta de ensino e aprendizagem interdisciplinar, que pode ser utilizado tanto em atividades expositivas e debates em sala de aula, quanto em projetos interdisciplinares.

METODOLOGIA

Com fundamento na Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras nos currículos escolares, foi planejada uma sequência didática voltada ao fortalecimento dos protagonismos indígenas, buscando romper com estereótipos, visões folclóricas e representações romantizadas dessas populações. A proposta fundamenta-se em uma perspectiva crítica, que visa não apenas incluir a temática indígena no ensino de História, mas também reconfigurar as formas de pensar e representar os povos originários, reconhecendo-os como sujeitos históricos.

A sequência didática foi desenvolvida em uma escola da região Agreste de Pernambuco, em uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental, composta por aproximadamente 42 estudantes. As atividades foram elaboradas com base na habilidade EF06HI12PE, prevista no Organizador Curricular da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, que estabelece o seguinte objetivo:

“Reconhecer, analisar e valorizar a participação dos diferentes povos indígenas nos diversos períodos da história local, regional, nacional e continental, com especial atenção aos povos que ocuparam o território de Pernambuco.” (PERNAMBUCO, 2025, p. 61)

Nesse contexto, utilizou-se a ferramenta Kmaikya como recurso pedagógico central, considerando seu potencial para favorecer uma abordagem crítica, reflexiva e inclusiva no ensino de História. A presença de conteúdos produzidos a partir de perspectivas indígenas e de materiais audiovisuais possibilitou o diálogo entre saberes escolares e conhecimentos tradicionais, contribuindo para a formação de novos saberes sobre as experiências dos povos originários.

Para dar início à sequência didática, foi apresentado aos estudantes um trecho da entrevista com João Malunguinho⁴, disponibilizada no canal Kmaikya: Histórias Indígenas no YouTube, com o propósito de introduzir a temática indígena de forma contextualizada e promover o contato com uma narrativa produzida por um professor indígena. Esse momento inicial teve como objetivo estimular a reflexão crítica e fomentar o debate sobre as questões atuais que envolvem os povos indígenas, contrapondo-se às abordagens tradicionais que frequentemente os reduzem a personagens do passado ou figuras idealizadas do século XIX. Buscou-se assim propiciar aos estudantes a compreensão de que os povos indígenas são agentes históricos e culturais atuantes, cujas trajetórias e contribuições se estendem do passado à contemporaneidade.

Na sequência, após a exibição do vídeo, foram formuladas perguntas norteadoras que direcionaram a discussão em sala de aula, tais como: “Qual é a importância da preservação das histórias e culturas indígenas?” e “Quais são os desafios enfrentados atualmente por esses povos?” Essas questões visam instigar o pensamento crítico, incentivando os estudantes a estabelecer relações entre os conteúdos apresentados e os contextos históricos, sociais e culturais mais amplos.

4 JOÃO MALUNGUINHO - ENTREVISTAS COM ARTISTAS INDÍGENAS #2 Canal: Kmaikya: Histórias Indígenas. YouTube, 30 dez. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNIm7M328cQ> Acesso em: 8 out. 2025.

Como etapa posterior, foi exibida a animação Ga vi: a voz do barro⁵, obra que permitiu aos alunos refletir sobre os conceitos de ancestralidade, memória e resistência cultural, ampliando a compreensão sobre a importância das práticas artísticas e simbólicas na manutenção da identidade dos povos indígenas. Essa atividade reforçou a necessidade de valorização dos protagonismos indígenas contemporâneos e de reconhecer suas expressões culturais como formas legítimas de conhecimento.

Complementarmente, os estudantes foram convidados a pesquisar artistas indígenas por meio das publicações do perfil Kmaikya no Instagram, explorando a diversidade de protagonismos nas diferentes manifestações culturais. Cada aluno escolheu um artista, atuante nas áreas da literatura, artes plásticas, música ou outras expressões culturais, e investigou sua trajetória, suas produções e o contexto histórico e social em que se insere.

Como culminância, os estudantes produziram criações artísticas inspiradas nos artistas pesquisados, apresentando seus trabalhos em sala de aula. Essa etapa final proporcionou um espaço de trocas, estimulando a expressão criativa e a valorização da identidade cultural indígena. Além disso, possibilitou aos alunos perceberem a pluralidade das experiências indígenas e reconhecerem as contribuições desses povos para a cultura e a história brasileiras.

Dessa forma, a sequência didática consolidou-se como uma prática pedagógica crítica, reflexiva e inclusiva, que articula o uso das tecnologias digitais com o ensino de História, promovendo o reconhecimento dos saberes indígenas e contribuindo para o cumprimento efetivo da Lei nº 11.645/2008.

5 Ga vi: a voz do barro. Canal: Conselho de Missão entre Povos Indígenas. YouTube, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dFPR4HDd3IQ&t=5s> Acesso em: 8 out. 2025.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

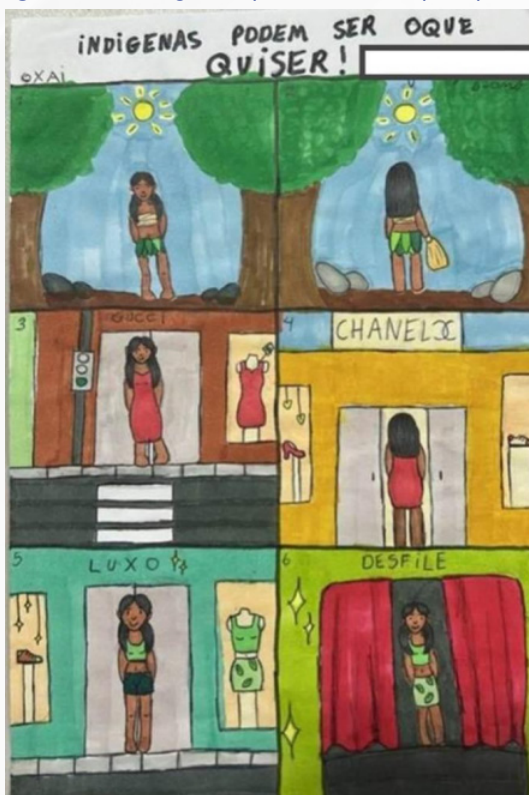
Entre as produções desenvolvidas pelos estudantes, destacou-se uma ilustração. Nessa criação, uma estudante representou uma mulher indígena circulando por diferentes lojas, interagindo com o espaço urbano e escolhendo roupas para participar de um desfile de moda. A cena expressa uma potente leitura crítica sobre a presença indígena na contemporaneidade, ao articular identidade, pertencimento e protagonismo de forma criativa e reflexiva.

Ao deslocar a personagem indígena de um cenário tradicional, frequentemente associado a aldeias, florestas, para o ambiente urbano, a estudante rompeu com paradigmas cristalizados e questionou as representações coloniais que reduzem o ser indígena a um passado imobilizado no tempo.

Essa escolha criativa evidencia a capacidade dos alunos de ressignificar os discursos e imagens historicamente produzidos sobre os povos indígenas, mostrando que esses sujeitos não estão confinados a um passado estático.

A ilustração, portanto, funciona como uma metáfora visual para o diálogo entre culturas, revelando que ser indígena hoje é também ocupar espaços múltiplos, transitar entre mundos e construir identidades em movimento. Tal produção reafirma a importância de abordagens pedagógicas que promovam a reflexão crítica e a liberdade criativa dos estudantes, possibilitando que as representações produzidas em sala de aula contribuam para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das narrativas indígenas em sua diversidade.

Figura 4 – “Índigenas podem ser o que quiser”



Fonte: Produção estudantil (2025)

O trabalho possibilitou à turma um aprofundamento significativo no debate sobre os protagonismos indígenas, favorecendo a compreensão de que as identidades indígenas são plurais, dinâmicas e ativamente presentes na contemporaneidade.

O título da obra, escolhido pela própria aluna, “Índigenas podem ser o que quiser!”, reforça uma mensagem de autonomia, empoderamento e pluralidade, contrapondo-se às visões racistas que reduzem as identidades indígenas a estereótipos de pureza, passividade ou isolamento cultural.

Nesse contexto, o uso da página Kmaiky mostrou-se uma aliada fundamental no processo de ensino e aprendizagem, funcionando como ferramenta pedagógica mediadora entre o conteúdo escolar e as narrativas indígenas contemporâneas. O recurso digital possibilitou o acesso a entrevistas, animações, aproximando os estudantes dos saberes indígenas

e de suas múltiplas formas de expressão. Assim, a integração do Kmaikya ao planejamento didático favoreceu uma abordagem mais crítica, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para o fortalecimento de uma educação comprometida com a diversidade e a decolonialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu compreender que o perfil Kmaikya: Histórias Indígenas constitui uma importante ferramenta didático-pedagógica, capaz de aproximar o ensino de História das discussões contemporâneas sobre decolonialidade, identidade e protagonismo indígena. As experiências descritas demonstraram que o uso pedagógico das redes sociais pode ampliar o alcance das narrativas indígenas, permitindo que estudantes e professores estabeleçam um diálogo direto com saberes e linguagens produzidos pelos próprios sujeitos indígenas.

Os resultados obtidos na aplicação da sequência didática confirmam o potencial do Kmaikya como recurso pedagógico interdisciplinar, acessível e alinhado à Lei nº 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. O projeto contribui, portanto, para a efetivação dessa legislação, ao oferecer materiais que possibilitam o contato direto com autores, artistas e lideranças indígenas, promovendo uma educação mais inclusiva e comprometida com a diversidade cultural brasileira.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa evidencia a relevância das reflexões de Baniwa (2006), que defende uma educação escolar indígena capaz de fortalecer identidades e promover o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. No contexto digital, essa proposta se atualiza por meio de iniciativas como o Kmaikya, que utiliza o ambiente virtual para ampliar o alcance das epistemologias indígenas e combater representações estereotipadas.

Entretanto, o estudo também revelou limitações e desafios que merecem atenção da comunidade científica e educacional. As diretrizes do

Instagram, a lógica algorítmica e os filtros de conteúdo sensível configuram barreiras à circulação de materiais educativos e críticos, restringindo a visibilidade de temas ligados aos direitos e à história dos povos indígenas. Essa constatação aponta para a necessidade de novas pesquisas que explorem a relação entre algoritmos, educação e decolonialidade, investigando como as plataformas digitais podem ser ressignificadas como espaços de resistência e emancipação.

Assim, o presente trabalho reforça a importância de repensar o ensino de História a partir de uma perspectiva decolonial, na qual a tecnologia é compreendida não apenas como meio, mas como território de luta e produção de sentidos. O *Kmaikya: Histórias Indígenas* se apresenta, nesse cenário, como um exemplo concreto de como as redes sociais podem ser apropriadas como espaços de produção de conhecimento, valorização cultural e transformação social, abrindo caminho para novas práticas educativas comprometidas com a pluralidade e a justiça epistemológica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC; LACED/Museu Nacional, 2006.

BARBOSA, Lucas; SILVA, Juliana Ferreira da. A mobilização social indígena no Instagram através da Mídia Índia. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS (JOINPP), 10., 2021, São Luís. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2021. p. 1-13. Disponível em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/upload/anais/trabalho_submissaoId_87_87612e40c4a87be.pdf?044741. Acesso em: 10 de novembro de 2025.

CASTELLS, Manuel. *La Galáxia Internet. Reflexiones sobre internet, empresa y sociedad*. Barcelona: Plaza & Janés Editores (colección Areté), 2001.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

CASTRO, Rodrigo Inacio de. Instagram : produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas / Rodrigo Castro ; Rosária Ilgenfritz Sperotto, orientadora. – Pelotas, 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/k4rQP7>. Acesso em: 12 out. 2025.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: Conceitos e práticas em discussão. Revista Comunicare, p. 46-61, 2017.

KMAIKYA: HISTÓRIAS INDÍGENAS. Entrevista com João Malunguinho – Entrevistas com Lideranças e Pensadores Indígenas #1. YouTube. Acesso em: 23 de setembro de 2025.

KMAIKYA. Perfil no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/kmaikya/> Acesso em: 23 set. 2025.

LINDGREN, S. Digital Media & Society. London: Sage, 2017.

MANOVICH, Lev. Subjects and Styles in Instagram Photography - Part 1. 2017. Disponível em: <http://manovich.net/index.php/projects/subjects-and-styles-in-instagram-photography-part-1>. Acesso em: 27 out. 2025.

PERNAMBUCO. Secretaria de Desenvolvimento da Educação. ORGANIZADOR CURRICULAR TRIMESTRAL. História. Ensino Fundamental - Anos Finais. 2025. Disponível em: <https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2025/02/HISTORIA.pdf> Acesso em 10 de out. 2025.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHWEIG, Ana Letícia Meira et al. Ga Ví: A Voz do Barro [animação]. [S.l.]: [s.n.], [2022]. Direção: Ana Letícia Meira Schweig et al.

SILVA, Kalina Vanderlei. QUEM DISSE QUE “OS ÍNDIOS ESTÃO ACABANDO”? Respostas Indígenas ao Discurso do “Fim dos Índios” no Ensino de História. Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 220-248. Acesso em: 10 out. 2025.

SILVA, Kalina Vanderlei; ARAÚJO, Aline Cândida de; SANTOS, Valderlâne Carina Vieira dos. A temática indígena nas redes sociais: uma experiência a partir do Kmaikya. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, V. 09, nº 01, jan.-jun., 2023. Acesso em: 20 set. 2025.